

ANA MARIA MACHADO
**ESTA CASA
É MINHA!**

Ilustrações de ROGÉRIO BORGES



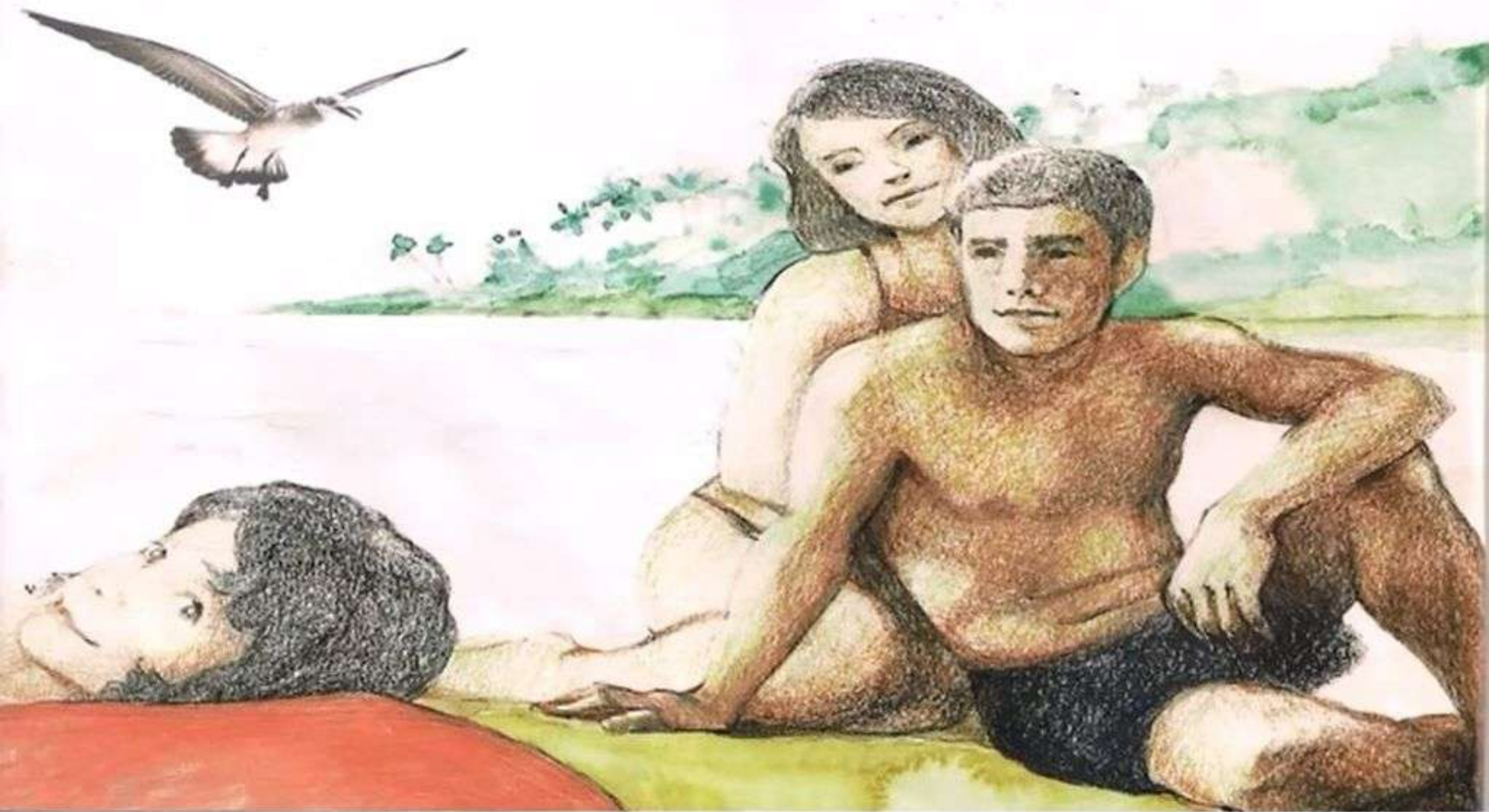
UNO

DE ACORDO COM O
ACORDO
NOMINE
GOTOGRAFICAS



Paula e Beto moravam com os pais num apartamento.
E queriam ter quintal.

Adoravam sair para passear nos fins de semana.
Iam à casa dos avós, ao parque, ao cinema.



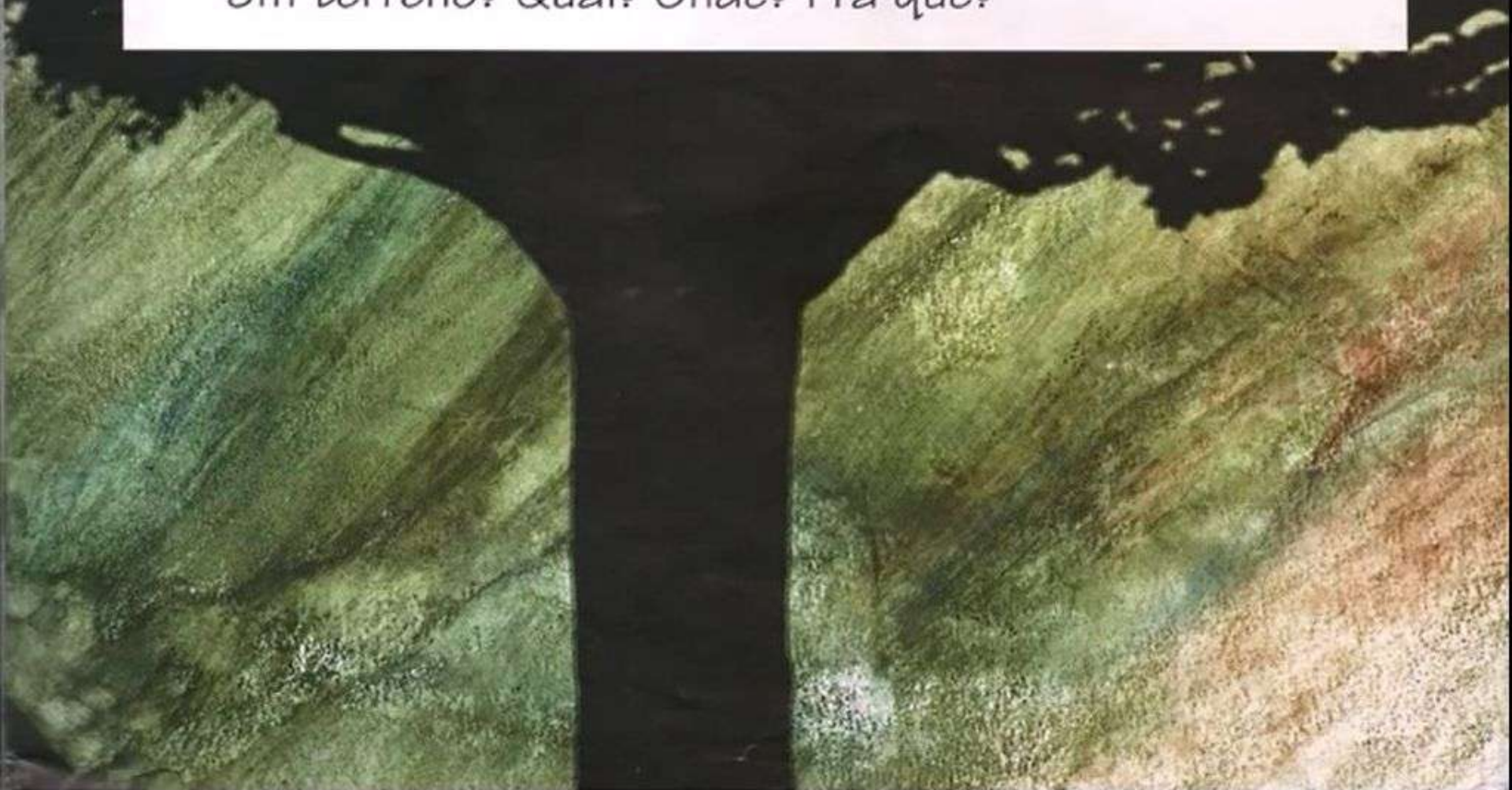
E às vezes faziam uns passeios de carro até mais longe. Ao sítio do tio. Ou por uma estrada comprida que ia dar numa praia quase deserta. Onde passavam o dia todo.



Um domingo, nessa praia, enquanto Paula e o irmão brincavam perto do mar, o pai ficou conversando com um pescador ao lado de uma canoa, debaixo de uma árvore.



Voltando pra casa, contou aos filhos:
— Vocês me viram falando com o Zé Juca?
Pois é, estou pensando em comprar aquele terreno
que ele tem na beira da praia...
Um terreno? Qual? Onde? Pra quê?



Depois de tanta pergunta e resposta, Paula nessa noite sonhou com o que o pai contou: iam ter uma casinha entre as árvores, em frente ao mar. Como se a praia e a mata fossem um quintal imenso. Só deles.





Outro domingo foram para lá de novo. Desta vez, Paula e Beto já olhavam tudo com olhos de quem é dono.

Um bando de maritacas fazia um barulhão nas árvores.

Um caxinguelê deu uma corridinha assustada pelo chão, de um tronco para outro.

Uma cambaxirra saltitante e um bem-te-vi barulhento voavam pra lá e pra cá.

Na areia um caranguejinho amarelo fazia um buraco.

E no alto de uma árvore um bando de micos guinchava e fazia macaquices.



Para todos eles, Paula e Beto gritavam:
— Aqui vai ser minha casa!



E assim foi durante alguns meses.

Eles sempre iam pra lá.

Os pais ficavam vendo a obra enquanto as crianças brincavam naquela praia maravilhosa.

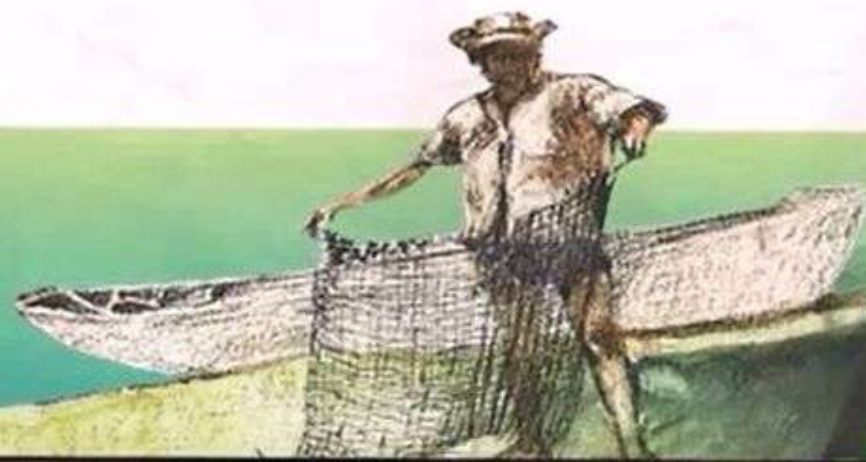
Muitas e muitas vezes. Só eles, uns pescadores, um monte de bichos.

Peixes, mariscos e siris no mar. Lagartinhos nas pedras. Micos e caxinguelês nas árvores, formigas e besouros na terra, abelhas e borboletas nas flores, todo tipo de passarinho no céu.

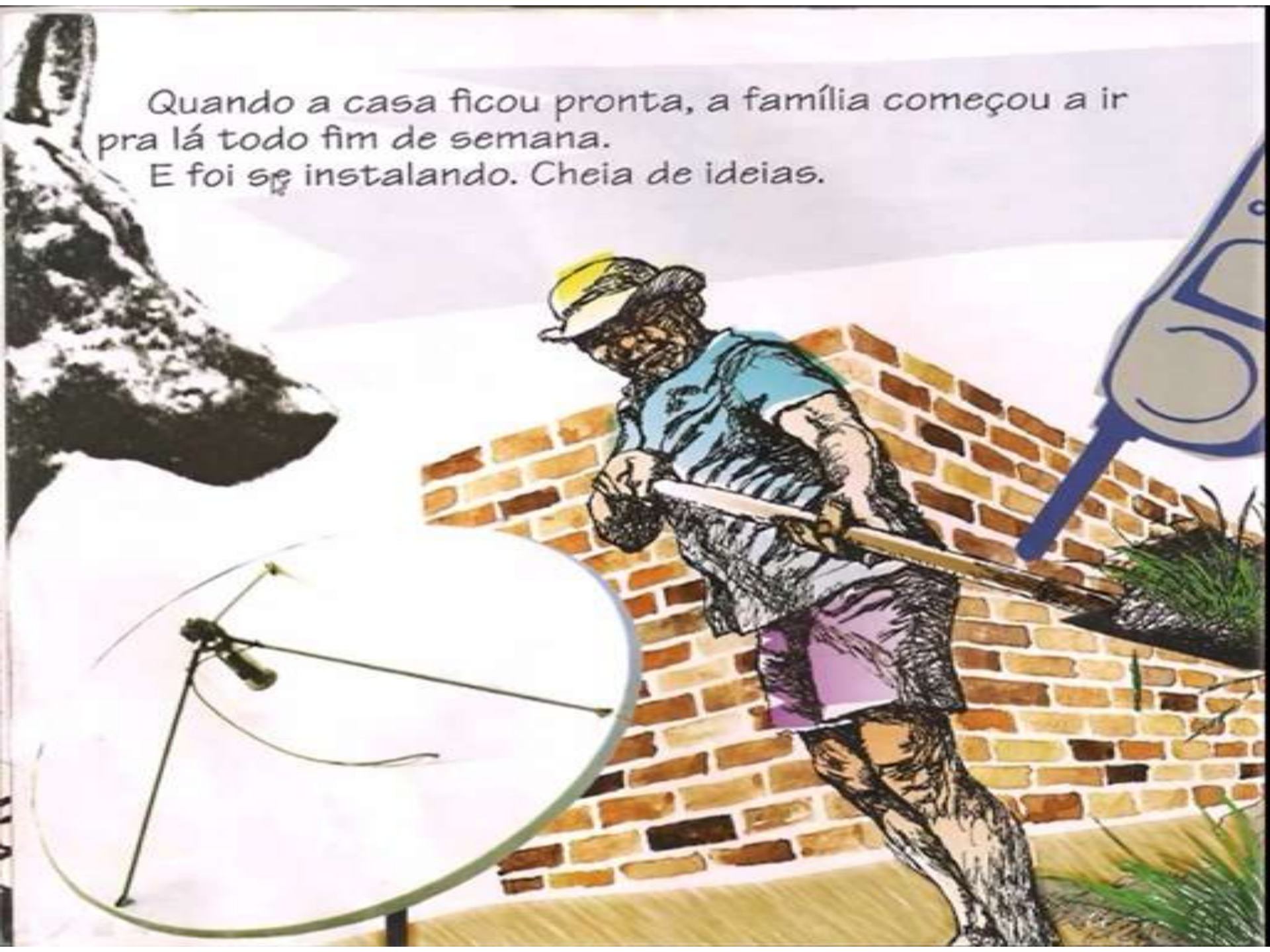


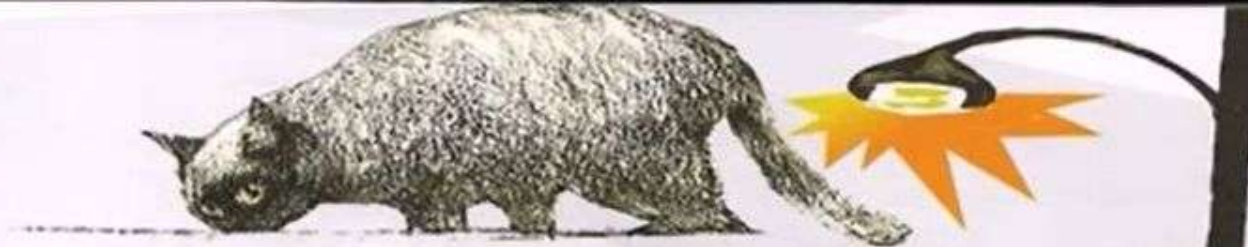
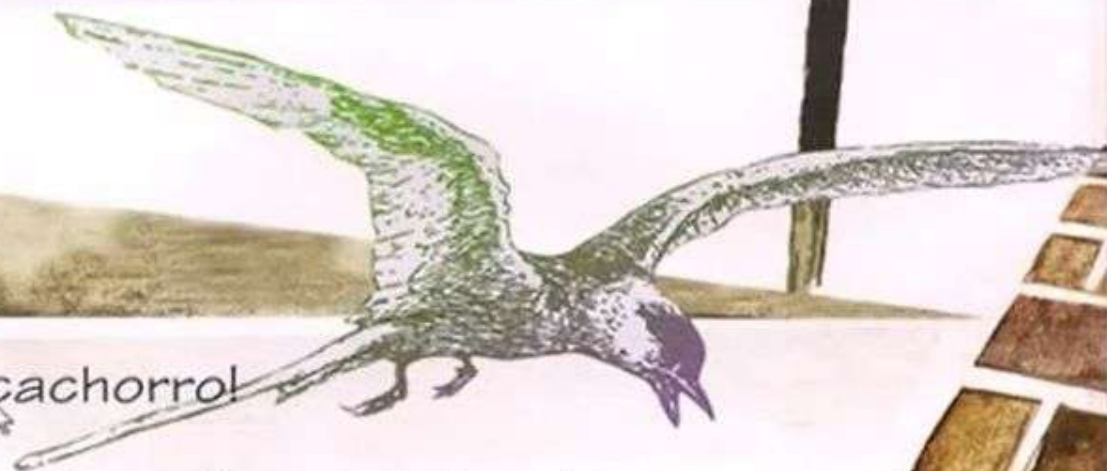
Para todos eles,
Paula e Beto iam anunciando:

—Esta casa é minha!



Quando a casa ficou pronta, a família começou a ir
pra lá todo fim de semana.
E foi se instalando. Cheia de ideias.





- Vamos ter um cachorro!
 - E um gato.
 - Vamos limpar esse mato em volta da casa para fazer um gramado!
 - Vamos trazer uns postes de luz para iluminar o jardim e o quintal!
 - Vamos cimentar o chão lá atrás para fazer uma churrasqueira!
- Como se a mãe, o pai, Paula e Beto, todos estivessem contando:
- Esta aqui é minha casa!

Estavam tão animados que nem reparavam nas mudanças.

Nunca mais o caxinguelê tinha aparecido.
Devia ter medo de cachorro.

O gato devia ter dado sumiço nos lagartos.

Os guinchos dos micos vinham de árvores cada vez mais distantes.

Caranguejinho amarelo fazendo buraco?

Agora só na areia da praia.

Aquelas frutinhas do mato, que passarinho comia, também acabaram quando o mato ficou longe. E vinha menos passarinho cantar no quintal.







Mas a família nem reparava.
Traziam amigos para o fim de semana.
Faziam churrasco. Ligavam o som do carro em
volume bem alto.

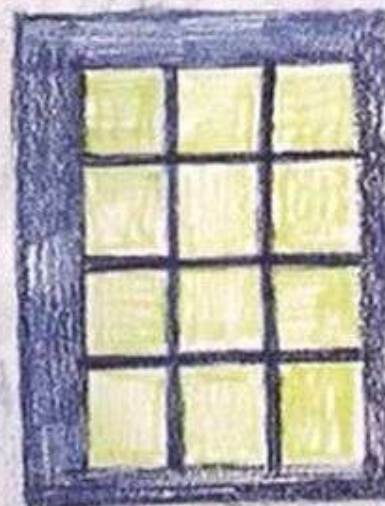
De noite, acendiam as luzes todas, ligavam
ventilador e ar-condicionado. Nem ouviam mais
o barulhinho do mar na hora de dormir.



Mas um dia o pai teve uma proposta de trabalho em outra cidade. Iam ter de se mudar e morar lá por um ano ou dois.

Ficar um tempão longe da casinha da praia. Do seu cheiro de mar, seu barulho de ondas, sua passarada.

Iam sentir muita saudade. Deixaram o cachorro e o gato com amigos na cidade. E pediram ao Zé Juca para tomar conta de tudo na praia. Direitinho. Para que, quando voltassem, pudessem dizer com alegria:



—Esta casa é minha!





Quando finalmente voltaram, quase levaram um susto. O mato tinha crescido de novo e chegava bem perto da casa.

Havia uma colmeia numa árvore. Um ninho de cambaxirra na varanda. Uma casa de joão-de-barro no telhado. Formigas na cozinha. Sapo no jardim. Uma família de lagartos instalada numas pedras atrás da churrasqueira.

As lâmpadas do poste estavam queimadas e o Zé Juca nem trocou por outras novas.



— Zé Juca, tinha lâmpada nova em casa. Por que você não trocou?

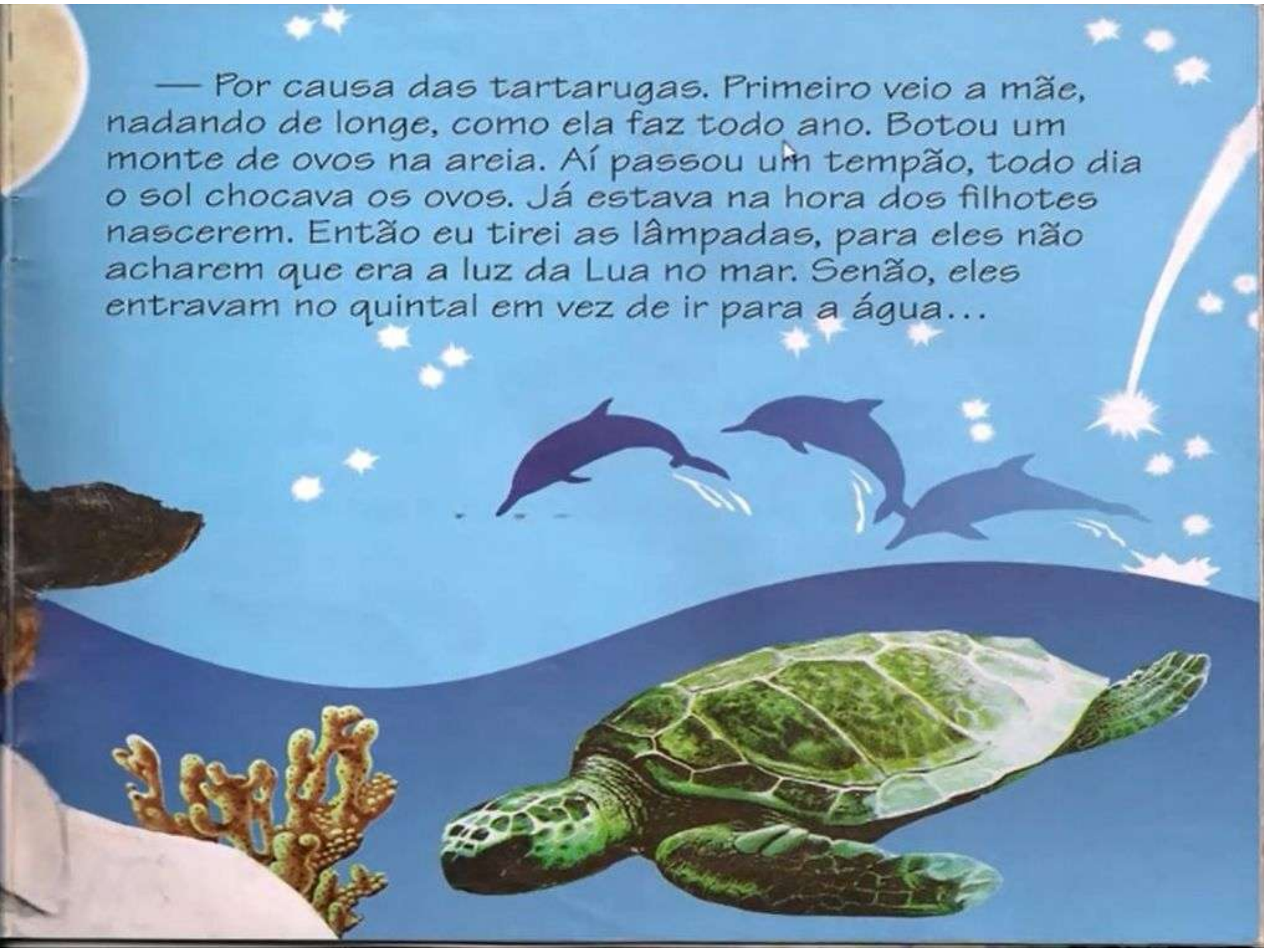
— Ué, mas pra quê se quem tirou as lâmpadas do poste fui eu...

O pai viu que não estavam queimadas mesmo, tinham sido tiradas.

— E por quê?



— Por causa das tartarugas. Primeiro veio a mãe, nadando de longe, como ela faz todo ano. Botou um monte de ovos na areia. Aí passou um tempão, todo dia o sol chocava os ovos. Já estava na hora dos filhotes nascerem. Então eu tirei as lâmpadas, para eles não acharem que era a luz da Lua no mar. Senão, eles entravam no quintal em vez de ir para a água...



O pai resmungou com a explicação, e reclamou ainda mais:
— Zé Juca, eu não pedi para você tomar conta da casa? Cuidar de tudo... Como é que você deixou ficar desse jeito?

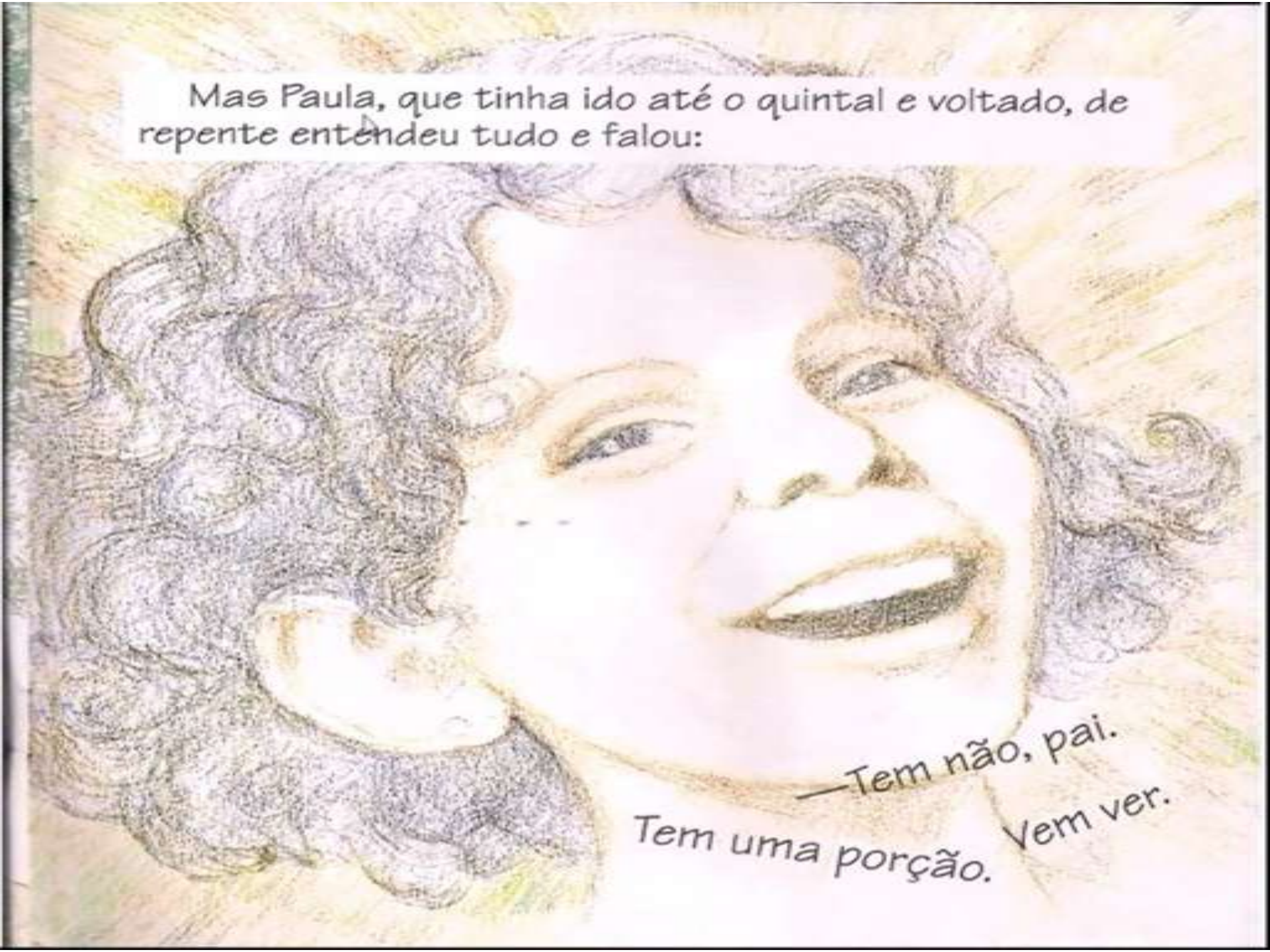
— Mas eu cuidei, doutor. Só que eu tomei conta de todas as casas, não só da sua.

O pai foi ficando meio zangado. O pescador devia estar maluco.

— Aqui só tem uma casa. Esta aqui, que é minha.



Mas Paula, que tinha ido até o quintal e voltado, de repente entendeu tudo e falou:



—Tem não, pai.
Tem uma porção. Vem ver.



As crianças puxaram os pais pelas
mãos e foram mostrando.

— Psiu! Não faz barulho! Fica ouvindo.

Eles ouviram. As maritacas gritando. Os micos
guinchando. As abelhas zunindo. Um monte de passarinhos
cantando. Ao fundo, o vento nas folhas. E o mar, onda-
-vai-onda-vem, batendo na areia e nas pedras.

— Ouviu?

— Ouvi, o que é que tem?

— Não entendeu o que eles estão dizendo?





Todos pararam para prestar atenção. E aos poucos foram ouvindo:

— Esta casa é minha!

Todos diziam isso. Não assim, em língua de gente. Mas em língua de bicho — cantorias e zumbidos, guinchos e gritos. Coisas que não são palavras, mas são o jeito de falar em passarinhês e abelhês, em miquês e maritaquês. Mas que querem dizer a mesma coisa.



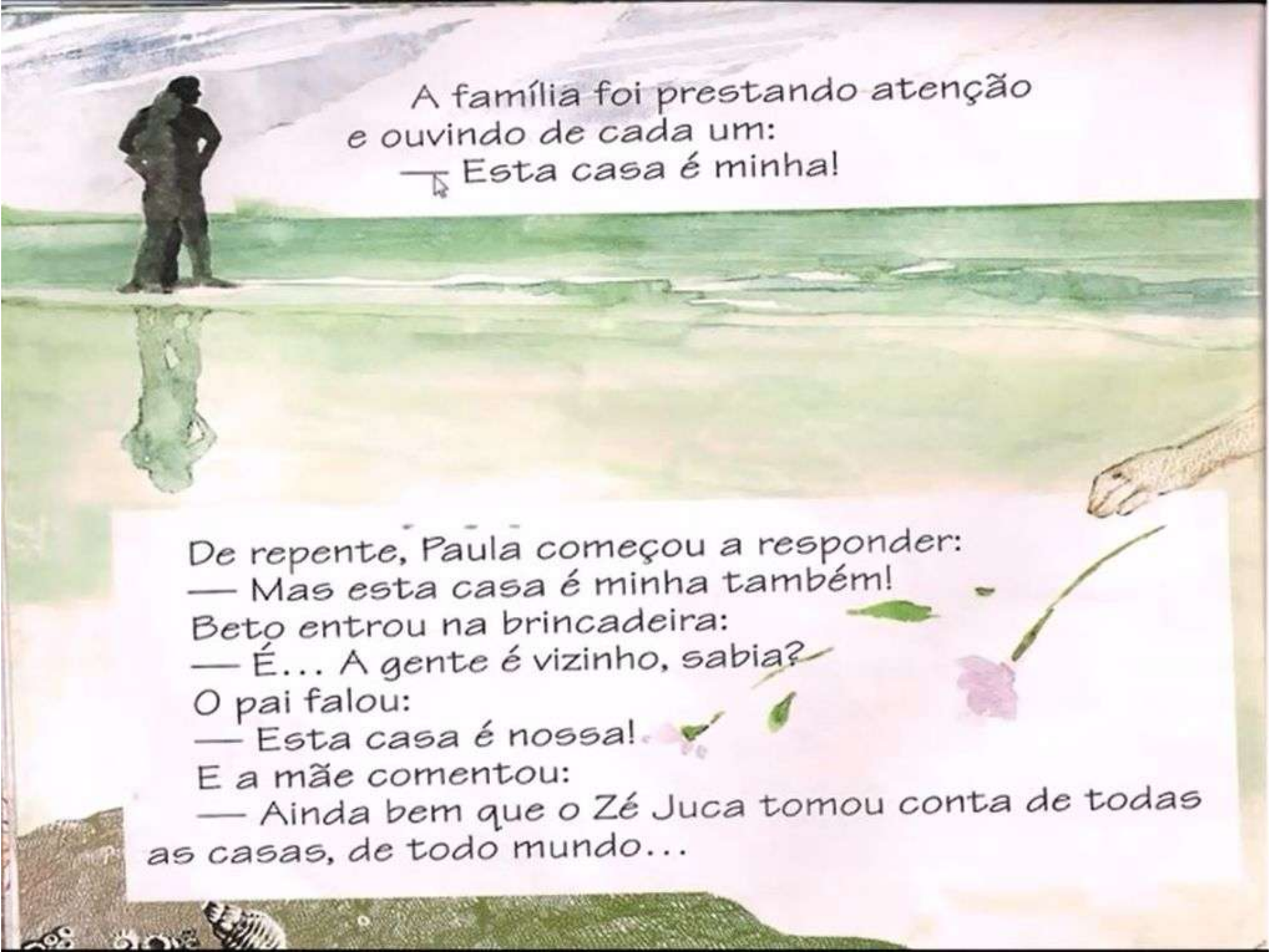






Até em silêncio, tudo em volta queria dizer a mesma coisa. Cada um com seu jeito: o caxinguelê que corria pela árvore, o caranguejinho amarelo que deixava rastro na areia, a tartarugona que levantava a cabeça na espuma da onda, o bando de gaivotas que mergulhava no mar, as formigas que trabalhavam enfileiradas por cima da pedra, o vento, o mar. Até o mato que chegava mais perto do jardim se inclinava sobre o gramado ou se espichava para o sol.





A família foi prestando atenção
e ouvindo de cada um:

— Esta casa é minha!

De repente, Paula começou a responder:

— Mas esta casa é minha também!

Beto entrou na brincadeira:

— É... A gente é vizinho, sabia?

O pai falou:

— Esta casa é nossa!

E a mãe comentou:

— Ainda bem que o Zé Juca tomou conta de todas
as casas, de todo mundo...



E, agora que eles aprenderam a ouvir a linguagem de todos os vizinhos, tomam sempre o maior cuidado. Porque sabem que fizeram a casa deles no quintal dos outros. Um quintal grande, com lugar para todos os que sabem ouvir sempre: ♪

— Esta casa é minha!





Ana Maria Machado é carioca, tem três filhos e mora no Rio de Janeiro, cidade que adora. Mas gosta muito de procurar calma para escrever e tem um lugar secreto onde encontra esse silêncio. Uma casinha simples, à beira-mar, num povoado do Espírito Santo. Ela fica de frente para um praia onde as tarântulas vêm desovar e no meio de um jardim cheio de flores, seu-flores e pitangas, a sombra de amendoeiras tão grandes que servem para orientar os barcos que voltam do mar. Amendoceiras tão maravilhosas que nelas moram caranguejos, camborras e bembé-vél. Éles nem que interrompa a escrita, mas ela garante que não atrapalham.

Só que nem tudo é assim tão calmo na vida de Ana Maria Machado. Ela vive viajando por todo o Brasil e pelo mundo inteiro para dar palestras e ainda a estimular a leitura. Tem prática de falar com muita gente, afinal, depois de se formar em Letras, começou sua vida profissional como professora. Também já foi jornalista e lavradora. Desde muito antes disso, é poeta e já fez exposições no Brasil e no exterior.

Mas Ana Maria Machado ficou conhecida mesmo por como eschiora, por causa das dezenas de livros que publicou para adultos e crianças. Livros que venderam milhares de exemplares, receberam elogios dos críticos, foram publicados em dezenas de países e ganharam mais de trinta prêmios, tanto no Brasil como em Cuba, Estados Unidos, Suíça, Costa Rica, Argentina, Venezuela e Colômbia.

Porém a autora garante que sua maior recomendação será, sempre, um leitor atento, que consiga entender bem suas histórias, onde quer que ele esteja. Porque ela acredita que essa é a grande missão do livro — proporcionar momentos, idas e vindas de pessoas que vivem diferente, às vezes em épocas diferentes. Gente que nem se conhece e de repente fica como se fosse amiga por causa daquelas palavras escritas.

ANA MARIA MACHADO



Em 1971, o adolescente Rogério Borges veio morar e estudar em São Paulo, e começou a trabalhar com ilustração e programação visual em agências de propaganda. Depois de ter passado por várias revistas, escreveu e ilustrou livros.

Praticou meditação durante anos em um templo budista e isso o ajudou a aprofundar seu desenho e a pesquisar a arte oriental.

Tem 48 títulos de sua autoria e ilustrou mais de 600 livros publicados no Brasil, em Portugal, na Alemanha, Espanha, Holanda e nos Estados Unidos.

Ganhou muitos prêmios, dentre eles o APCA em 1988, o FNLIJ em 1989, 1992, 1993 e o Jabuti em 1995.

Atualmente, tem um estúdio em Avare, cidade do interior paulista, onde mora com a família.

Nas ilustrações desta coleção usou recursos do desenho e da pintura, fundidos com mensagens transmitidas no computador em busca de um resultado novo e criativo, e sua maior alegria é saber que isso chegou até você.

ROGÉRIO BORGES